



Title	A passagem do tempo e as aulas de línguas
Author(s)	Magalhães, Torres Fernanda
Citation	ブラジル研究. 2026, 20, p. 115-121
Version Type	VoR
URL	https://doi.org/10.18910/106125
rights	
Note	

The University of Osaka Institutional Knowledge Archive : OUKA

<https://ir.library.osaka-u.ac.jp/>

The University of Osaka

A passagem do tempo e as aulas de línguas

Fernanda Torres Magalhães¹

A primeira vez que ouvi falar que a inteligência artificial iria acabar com os professores de línguas, eu me preocupei, afinal, este é o meu trabalho e o que eu sei fazer. São mais de 20 anos nessa profissão testemunhando as coisas que vi ficarem obsoletas - o retroprojektor, a máquina de escrever, o mimeógrafo a álcool, as fitas cassete com as práticas de diálogos para que os alunos ouvissem e completassem as atividades de compreensão auditiva.



E como professora de português como língua estrangeira em uma escola particular no Brasil, no meu dia a dia, a inteligência artificial passou de inimiga, vilã ou ameaça a um colega de sala. Às vezes, aquele colega super eficiente, que nunca se cansa de repetir a conjugação do verbo *ir* no pretérito perfeito sem pestanejar nem hesitar no

“fui” ou no “foi”.

Durante muito tempo, confesso, eu combati o *Google Tradutor*. Via nele quase um inimigo silencioso da aprendizagem como se fosse uma muleta perigosa, um atalho fácil demais, algo que “atrapalhava” o desenvolvimento real da língua. Eu acreditava que aprender português precisava passar pelo esforço, pela tentativa, pelo erro e que qualquer ferramenta que encurtasse esse caminho era, de alguma forma, trapaça.

Mas ensinar é, além de tudo, aprender. E, aos poucos, fui percebendo que o problema nunca foi os tradutores online. O problema era a forma como eu os via.

Ao ampliar meu olhar, comecei a entender que muitos dos meus alunos não saem do mesmo lugar linguístico que os outros. Para estudantes falantes de japonês, por exemplo, o português não é apenas “mais uma língua românica”. Ele é estruturalmente distante, com um sistema de escrita distinto, uma lógica sintática própria e outro ritmo. Não há cognatos evidentes, não há pontes automáticas. Há, muitas vezes, um abismo imenso.

Foi neste momento que percebi que minha forma de ver a IA precisava mudar.

Passei a enxergar o tradutor não como um facilitador, mas como uma ferramenta de inclusão. Um primeiro degrau. Um espaço de segurança. Um apoio que permite que o aluno compreenda, participe e se arrisque. Para quem não tem outras línguas latinas no repertório, traduzir não é “colar” e sim sobreviver linguisticamente dentro da sala de aula.

Nos dias de hoje, entendo que permitir o uso consciente do Google Tradutor é dizer ao aluno japonês que ele *pertence* ao mesmo espaço que os outros. É reconhecer que aprender uma língua estrangeira não deve ser um exercício de exclusão, vergonha ou silêncio. Pelo contrário: deve ser um processo de construção de sentido, de autonomia e de confiança.

Meu papel, então, deixou de ser o de *policia*l da tradução e passou a ser o de mediadora. Ensinar a usar a ferramenta criticamente, comparar versões, refletir sobre escolhas linguísticas, perceber limites e possibilidades. O tradutor não substitui o

aprendizado, mas ele pode, de alguma forma, ativá-lo.

Essa mudança de comportamento não foi apenas metodológica, foi sobretudo, ética. Hoje, quando vejo meus estudantes falantes de japonês, chinês ou coreano mais participativos, menos ansiosos e mais confiantes, tenho certeza de que incluir também é, de alguma maneira, flexibilizar. E que ensinar línguas, no fim das contas, é muito mais sobre abrir portas do que sobre fechá-las.

Nas minhas aulas, a IA não entra como tradutora preguiçosa que resolve tudo em poucos cliques. Ela entra como instrumento linguístico. Uso muito para prática de conjugação verbal — aquele calcanhar de Aquiles eterno de quem aprende português. O aluno escreve um prompt assim:

“Conjugué o verbo trazer no presente, passado e futuro em frases simples.”

E pronto. Ele tem exemplos contextualizados, claros, ajustáveis ao nível dele. Se não entendeu, pede de novo. Se quer mais fácil, simplifica. Se quer desafio, aumenta o nível. E assim vai ajustando ao nível mais confortável para cada um. E tenho certeza de que nenhum professor de carne e osso conseguiria fazer isso, individualmente, com muitos alunos ao mesmo tempo, sem sentir que iria ficar louco.

E há outro ponto que me emociona profundamente: os alunos tímidos. Todo professor de línguas conhece esse aluno. Ele sabe. Ele entende. Ele responde mentalmente. Mas trava na hora de falar. A língua fica pesada. O medo de errar fala mais alto do que a vontade de se comunicar.

A IA virou esse espaço seguro onde o aluno pratica antes de se expor na frente de colegas e professores. Ele escreve, apaga, reformula, pergunta, testa hipóteses linguísticas. Quando chega a hora de falar em voz alta, ele já ensaiou. Já errou no privado. E assim vai ganhando a confiança necessária para *tentar*, sem ser julgado pelo sotaque estranho, sem ser olhado com cara de interrogação ao não entender a pronúncia de uma palavra. Não é substituição da interação humana. É uma preparação para ela.

E talvez seja por isso que, olhando para trás, eu penso tanto na minha experiência no

período em que fui professora no Japão.

De volta a Osaka

Entre 2003 e 2010, fui professora de português na Universidade de Estudos Estrangeiros de Osaka - logo Universidade de Osaka (depois da fusão entre as mesmas).

Era outro mundo. Não havia IA. Não havia streaming. Não havia YouTube como conhecemos hoje. O que havia?

- CDs
- Fitas cassete
- DVDs de filmes e documentários brasileiros (que eu mesma comprava quando achava, em japonês.)²



- Professores japoneses dedicados e brilhantes.³
- E entre tantos professores nativos visitantes, como eu.

Muitas vezes, o contato principal dos alunos com o português falado era o meu sotaque paulista do interior, com aquela letra “r” *carregada*. Eventualmente, algum filme brasileiro chegava ao Japão e tentávamos fazer com que os alunos fossem assistir. O cinema brasileiro fora do Brasil ainda estava tímido. Eu lembro de pensar que eu tinha um peso de responsabilidade por ser curadora de um conhecimento sobre o meu país, afinal os recortes quem fazia era eu, ao elaborar as atividades, ao escolher as leituras, ao me debruçar sobre o vastíssimo material sobre a cultura brasileira e o Brasil. Era uma espécie de poder e um pesado fardo, ao mesmo tempo.

Ensinar português no Japão foi ensinar uma língua geográfica e culturalmente distantes e foneticamente desafiadora. O aluno japonês não tinha o português no ouvido ao sair da sala. Não via na TV. Não escutava no metrô (com exceções de algumas cidades no Japão, onde o português por vezes coexiste com o japonês, devido aos brasileiros que imigraram para o Japão).

Cada áudio trabalhado em sala de aula era precioso. Cada vídeo era um evento.⁴ Hoje, quando penso nisso, me dá até uma certa inveja dos alunos de hoje e como eles simplesmente têm tudo na palma da mão. Porque, se naquela época tivéssemos as ferramentas de IA que temos hoje, aqueles alunos teriam tido um universo inteiro de português que, com certeza, seria um imenso diferencial na formação deles.

Hoje, um aluno em Osaka ou em qualquer outro lugar distante do Brasil, pode conversar em português a qualquer hora, ouvir diferentes sotaques, pedir exemplos culturais, simular diálogos reais, receber explicações adaptadas ao nível dele. Tudo isso sem depender exclusivamente do professor como única fonte de língua. E isso não diminui o professor. Pelo contrário: nos liberta. Liberta para fazermos o que só humanos fazem bem: criar vínculos, ler silêncios, provocar reflexões, mediar cultura, rir junto quando a frase sai completamente errada, mas genial.

Toda tecnologia nova assusta. A diferença é que agora o medo (ou a insegurança?) veio mais forte. Talvez porque a IA escreve e “fala”. Talvez porque pareça próxima demais do que achávamos exclusivamente humano. Mas, da minha experiência

concreta como professora e mediadora cultural, como alguém que já ensinou português com fita cassete e hoje ensina com IA, posso dizer com tranquilidade que ela veio para somar.

Nenhuma delas substitui o professor. Mas todas ampliam o alcance da aprendizagem.

Se eu pudesse voltar a Osaka em 2003 com essas ferramentas na mala, levaria menos fitas cassete e muito mais possibilidades.

E talvez dissesse àquela professora mais jovem, cercada de CDs e sotaques limitados: “Calma. O mundo vai ficar maior. E ensinar línguas, ainda mais divertido e bonito.”

A título de conclusão

Talvez a ironia maior deste artigo seja saber, enquanto o escrevo, que ele já nasce com data de validade. Arrisco dizer que, em menos de cinco anos, muitas das reflexões aqui registradas soarão ultrapassadas, incompletas ou ingênuas diante da velocidade com que as tecnologias de aprendizagem de línguas se transformam. E tudo bem. A obsolescência também é um sinal de movimento.

Se este texto envelhecer rápido, fico satisfeita. Significa que continuamos avançando. Que ensinar e aprender línguas segue sendo um território vivo, mutável e profundamente humano. Porque, independentemente das ferramentas, o desejo de comunicar, de pertencer e de atravessar culturas continuará sendo o verdadeiro motor da aprendizagem.

Notas

¹ Fernanda Torres Magalhães é graduada em História, Pedagogia e Letras, com mestrado em História Social pela USP. Entre 2003 e 2010, foi professora de português na Universidade de Estudos Estrangeiros de Osaka (Osaka Gaidai), instituição que, em 2009, se fundiu à

Universidade de Osaka. Hoje, ensina português como língua adicional em uma escola americana em São Paulo.

² Acervo Pessoal.

³ Cito principalmente a querida amiga e Professora Etsuko Hirata, que ensinava belamente a literatura brasileira aos alunos e que me inspirava e me apoiava diariamente, e o saudoso Professor Akira Kono, que tinha a bonita — embora árdua — tarefa de decifrar a gramática portuguesa e brasileira para seus estudantes. Destaco também os professores Azuma, Bando e Hayashida, estudiosos atentos da língua portuguesa e da história de Portugal e do Brasil, cujas contribuições acadêmicas foram fundamentais para a formação de tantos alunos. Registro ainda, com profundo carinho e saudade, a amizade das professoras Lena Torii e Toshimi Ueda, pessoas incríveis que também ensinavam português de forma lindíssima. Tenho por todos eles imenso respeito e gratidão, assim como muitas saudades.

⁴ No Japão assinava um canal de TV brasileiro e me lembro de muitas vezes gravar em vídeo cassette programas de TV para que eu pudesse passar na sala de aula alguns exemplos de “material autêntico”.